

Documentação

SOCIOAMBIENTAL

Fonte: A Crítica (Mundo)

Data: 28/8/2002 Pg: 112

Class.: 24

Índios do Acre se fazem ouvir na Cúpula da Terra

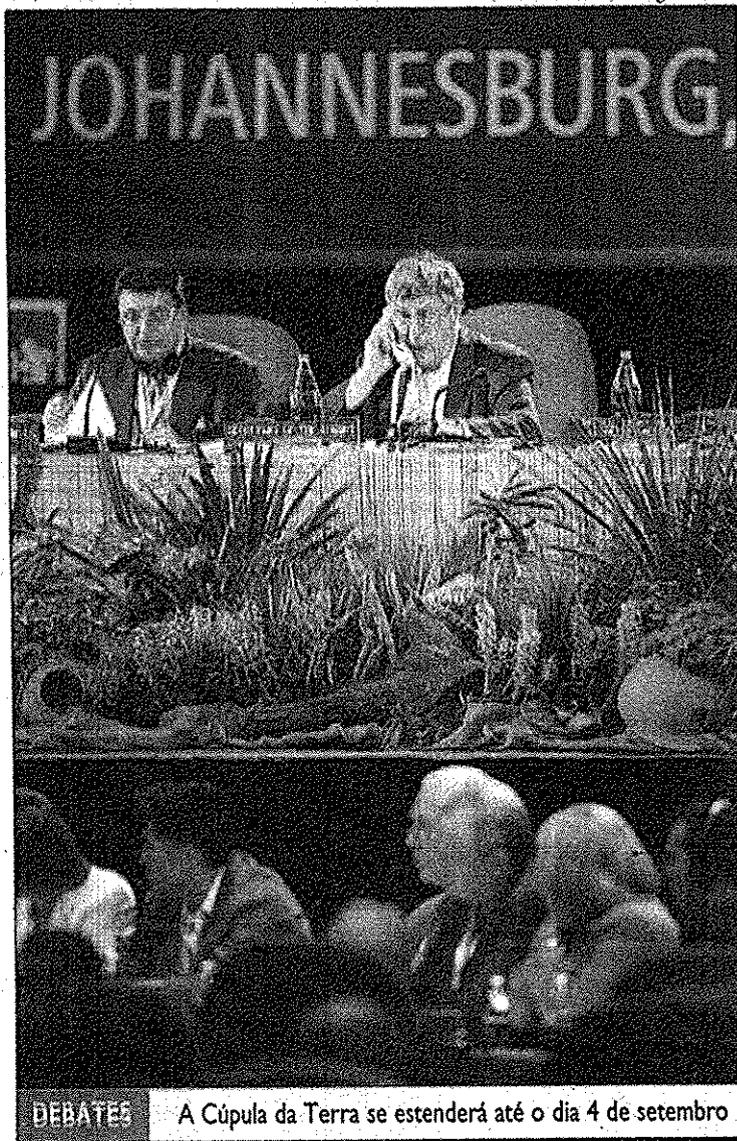
Pedro Ugarte/AFP

OS POVOS INDÍGENAS LATINO-AMERICANOS REIVINDICAM DIREITOS DE CUIDAR DA TERRA E CONTRIBUIR PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

JOHANNESBURGO (AFP) – Com a autoridade que lhes concede o fato de serem os primeiros habitantes do continente latino-americano, os povos indígenas de Equador, Bolívia, Peru ou Brasil vieram à cúpula de Johannesburg para pedir aos governantes que lhes deixem cuidar da terra de seus ancestrais e contribuir para o desenvolvimento sustentável da região. Expulsos de suas terras seculares, afastados de suas plantas e árvores pela mão das multinacionais, contagiados com doenças de que nunca ouviram falar e afetados, como todos os seres humanos, pela mudança climática, os índios latino-americanos compartilharam suas dificuldades com outros 300 irmãos de povos do mundo inteiro.

“Meu povo é decidido e forte mas não é livre. Não queremos ser independentes, e sim autônomos, para pôr em prática nossa visão de mundo. Ninguém tem uma relação tão especial com este planeta como nós”, declarou Sebastião Haji Manchinari, do povo Yine, do Acre.

Os povos indígenas do mundo, que representam 5 mil comunidades e 350 milhões de pessoas, reuniram-se na semana passada em Kimberley (centro da África do Sul) e apresentaram ontem em Johannesburg sua declaração para esta cúpula de desenvolvimento sustentável da ONU. Os povos indígenas já chamam este evento de “A cúpula da avidez sus-



tentável”. Eles assinaram uma declaração de reivindicações, batizada Kari-Oka (Casa do branco, na língua tupi) durante a reunião do Rio de Janeiro em 1992. Desde então, sua situação vem piorando notavelmente.

Nesta ocasião, os índios esperam que o plano de ação de Johannesburg contenha uma frase que “reafirme o papel vital dos povos indígenas no desenvolvimento sustentável”. “O atual conceito de

desenvolvimento sustentável é uma forma de disfarçar a destruição do meio ambiente. Nós temos algo a oferecer ao mundo”, explicou Sebastião Manchinari. Pouco têm a ver as plumas coloridas deste yine brasileiro com as longas tranças e o rosto impenetrável de Tom Goldtooth, da América do Norte, ou as misteriosas e enegrecidas tatuagens faciais de Pauline Tangiora, procedente de um povo da Nova Zelândia.